

# ***O povo de Deus, no deserto andava - símbolos, corpos e gestos para celebrar o Senhor morto***<sup>1</sup>

Daniela Oliveira dos Santos UFG-PPGPC/IFG

## **Resumo**

Este trabalho trata-se de uma análise acerca das celebrações da sexta-feira santa, realizadas na cidade de Itumbiara – Goiás durante a semana santa. Com destaque à procissão do Senhor morto, este trabalho explora elementos advindos da religiosidade popular. O termo *rito*, adotado neste trabalho, evoca tanto as práticas católicas inscritas em um ritual com normas pré-estabelecidas quanto manifestações provenientes da piedade popular, tais como os terços, bênçãos, folguedos, procissões, dentre outros, carregados de significados. Para tanto, optou-se por analisar os símbolos, gestos e corpos presentes na procissão do Senhor morto e na celebração da Paixão do Senhor, utilizando-se da observação atenta dos elementos sensoriais e sonoros: cheiros, sons, altares, plantas e gestos. A performance vicejante na procissão do Senhor Morto consiste em uma demonstração de ritos coletivos, os quais são vivenciados por meio de ações e gestos: ao trazer em mãos suas velas, cantando, rezando e caminhando, os participantes vivenciam ativamente o rito.

## **Palavras-chave**

Rito. Catolicismo Popular. Corpos e Gestos

## **1. A Procissão do Senhor Morto em Itumbiara - Goiás**



---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Foto 1 - Paulo Garcia Lopes (2018)

Quando o dia vai rompendo e a noite começa a surgir é hora de retornar à Igreja para venerar o Senhor Morto. A procissão, realizada na sexta-feira santa tem seu início por volta das dezenove horas, mas, como de costume, a sua preparação começa horas antes, quando da celebração da Paixão do Senhor.

Às quinze horas os católicos celebram a Paixão do Senhor; ao adentrarem o templo, muitos fiéis trazem consigo ramos cheirosos: arruda, erva-cidreira, folha do boldo, alecrim, canela etc. Quando vai se aproximando o fim da celebração, e ainda com os ramos em mãos, todos os presentes são convidados a se achegarem mais próximo à imagem do Senhor Morto e nela colocarem os ramos cheirosos. A comoção ao verem o Cristo morto desnudava-se em lágrimas que escorriam nos rostos de muitos dos fiéis, os quais retornavam às suas casas ansiosos pelo breve retorno, logo às dezenove horas.

Já perto das dezenove horas, em grupos ou mesmo sozinhos, pouco a pouco os fiéis iam chegando. Na maioria do tempo o silêncio imperava, mas era comum ouvir um cochicho aqui e acolá e os passos apressados da equipe de organização para findar os últimos detalhes. Ao avistarem o andor do Senhor Morto sendo carregado por jovens vestidos tal como soldados romanos, os fiéis movimentam-se a fim de ficarem mais próximos a ele. Era nesse momento que muitos daqueles que não participaram da celebração da Paixão do Senhor, às quinze horas, depositavam os seus ramos cheirosos sobre o corpo do Senhor.



Foto 2 - Paulo Garcia Lopes (2018)

Após uma breve fala do padre, saíam em procissão: “O Senhor morto vai à frente e a procissão segue atrás”, bradava em alto tom um dos organizadores. Muitos seguiam a procissão com uma vela em mãos e, durante o trajeto, cantos e orações marcavam o ritmo dos passos em “andante”. E assim a procissão seguia, com cantos e rezas durante a caminhada.

A Procissão do Senhor Morto percorria as ruas próximas à igreja, onde muitos fiéis aguardavam ansiosos. À porta de suas casas, os moradores se colocavam à espera com seus altares na calçada... os passos iam ficando mais lentos: é hora de parar. A parada também é rito: todos rezam, pedem auxílio a Deus, e bradam uma bênção especial para os moradores.



Foto 3 - Paulo Garcia Lopes (2018)

Findada a reza, a procissão seguia seu itinerário alternando cânticos e rezando as Ave-Marias e os Pais-Nosso. A procissão encerrava-se na igreja com a despedida dos fiéis ao Senhor Morto, mas, não uma despedida qualquer; ao se despedirem do Senhor Morto, com beijos e gestos carinhosos, os fiéis apanhavam os ramos e os levavam consigo. Conforme o costume, com esses ramos eram feitos os chás para a cura de mazelas ou mesmo para bênção da casa, outros ainda, os dependuravam nas portas.

## 2. Os ritos sagrados

“O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (ELIADE, p. 14-15, 1992). A materialização do sagrado, apontado por Eliade (1992), se dá por meio dos ritos, estes vistos como ações em favor do sagrado:

Mas, em relação ao homem religioso, existe uma diferença essencial: este último conhece intervalos que são “sagrados”, que não participam da duração temporal que os precede e os sucede, que têm uma estrutura totalmente diferente e uma outra “origem”, pois se trata de

um tempo primordial, santificado pelos deuses e suscetível de tornar-se presente pela festa. (idem, p. 39)

Parte da vida humana, como aponta Eliade (1992), outorga momentos à experiência religiosa que, por vezes, fundem-se à própria existência, transformando-a.

Para Genep (2013), as sociedades especiais são organizadas sobre bases mágico-religiosas e a passagem de uma a outra é marcada por determinados ritos, “dotados de certos mecanismos recorrentes no tempo e no espaço, e também de certo conjunto de significados (...)” (GENNEP, 2013, p. 24).

Durkheim afirma que o homem religioso é constituído de um ser individual e um ser coletivo. Acerca deste último, o autor revela que “o grupo realiza, de maneira regular, uma uniformidade moral e intelectual (...)” (DURKHEIM, p. 11, 2009). O ser social não se sobrepõe ao ser individual, porém, Durkheim afirma que a religião é uma coisa eminentemente social, sendo as representações religiosas vistas como representações coletivas. Os elementos que marcam o caráter coletivo são o tempo e o espaço. Sobre o tempo, Durkheim assinala que a sua construção ao longo da história, “a divisão em dias, semanas, meses e anos correspondem à periodicidade dos ritos, festas e cerimônias pública (Ibid, p. 17)”.

Mas como o homem se insere nessa coletividade? Como ele estabelece seu ser social? Para Durkheim, há um sistema que se estabelece: um sistema de crenças e ritos que unem os indivíduos em uma comunidade. Nisso, verifica-se uma separação entre o sagrado e o profano na vida em sociedade, a qual é perceptível também na atualidade. “As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários” (Ibid, p. 28).

O rito em Durkheim é descrito como um conjunto de regras de comportamento que prescreve como o homem deve se comportar com as coisas sagradas, ou seja, é o aspecto em que a crença se materializa no fenômeno religioso. As crenças são tidas como representações para expressão da natureza das coisas sagradas e das relações existentes entre elas ou com as coisas profanas. (Ibid, p. 19)

A instituição igreja é tida como a comunidade em que os ritos e práticas acontecem. Para Durkheim,

uma sociedade cujos membros estão unidos por representarem da mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas, é a isso que

chamamos de igreja. Ora, não encontramos, na história, religião sem igreja (Ibid, p. 28, 2009).

Os ritos correspondem à ação litúrgica no catolicismo, e têm como finalidade o encontro entre Cristo e a Igreja. Logo, a igreja (*ekklēsia*), assembleia dos fiéis reunida, está inserida no contexto da unidade, em que Cristo é a cabeça. Por essa razão, a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, documento normativo referente às práticas litúrgicas no catolicismo, prescreve sobre o caráter comunitário dos ritos:

Sempre que os ritos comportam, segundo a natureza particular de cada um, uma celebração comunitária, caracterizada pela presença e ativa participação dos fiéis, inculque-se que esta deve preferir-se, na medida do possível, à celebração individual e como que privada. (SC, 27, 1963)

Para além das celebrações oficiais da Igreja Católica, existem outras demonstrações de fé advindas do modo de rezar do povo, que são denominadas expressões da Piedade Popular:

Prática de piedade designa as expressões públicas ou privadas da piedade cristã que, embora não façam parte da Liturgia, estão em harmonia com ela, respeitando o seu espírito, as suas normas, os seus ritmos; além disso, inspiram-se de algum modo na Liturgia e a ela devem conduzir o povo cristão. (DIRETÓRIO SOBRE PIEDADE POPULAR E LITURGIA, p. 18, 2003)

O termo *rito*, adotado neste trabalho, evoca tanto as práticas rituais católicas inscritas em um ritual com normas pré-estabelecidas quanto manifestações provenientes do catolicismo e da piedade popular. Advindas da devoção popular, os terços, bênçãos, folguedos, procissões, dentre outros, constituem-se de ritos carregados de significados.

### **3. “Ó Pai, em tuas mãos, eu entrego o meu espírito!” – elementos rituais na celebração da Paixão do Senhor**

Na tarde da Sexta-Feira Santa, pelas três horas, os católicos se reúnem para celebrar a Paixão do Senhor. O espaço celebrativo é sóbrio: “o altar esteja totalmente despojado: sem cruz, castiçais ou toalha” (MISSAL ROMANO, p. 155, 2011). É um dia de silêncio, no qual a Igreja recorda a Paixão do Senhor, sendo o altar despido um sinal de luto, uma memória de sua morte. De acordo com Vagaggini “sinal, de algum modo,

convém à coisa significada, e contém em si e é realmente a coisa significada” (VAGAGGINI, p. 54, 2009).

Outro sinal importante durante a celebração diz respeito ao silêncio, o qual marca a celebração desde o seu início. A supressão do canto de entrada, o qual congrega os fiéis, reitera a centralidade da celebração, como bem explicita as diretrizes dispostas para a celebração:

O sacerdote e o diácono, se está presente, revestidos de paramentos vermelhos como para a Missa, dirigem-se ao altar em silêncio e, feita a devida reverência ao altar, prostram-se de rosto por terra, ou, se parecer mais conveniente, põem-se de joelhos e oram em silêncio durante um breve espaço de tempo. Todos os outros se põe de joelhos. (MISSAL ROMANO, p. 155, 2011)

Após a oração da coleta, inicia-se a liturgia da Palavra, cujo salmo eleito para a celebração, traz em seu refrão: “Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito”! Composto por Davi, o Salmo 31 constitui-se de uma súplica na provação em que o salmista clama pela salvação de Deus. O episódio narrado pelo evangelista Lucas evidencia o pedido feito por Jesus ao Pai quando de sua morte, revelando assim, a retomada da prece proferida por Davi:

Era já mais ou menos a hora sexta, e houve treva sobre a terra inteira até à hora nona, tendo desaparecido o sol. O véu do Santuário rasgou-se ao meio, e Jesus deu um forte grito: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1832, 2002)

Cristo brada do alto da cruz o clamor ao Pai naquele momento de dor e abandono: ei-la, a cruz, o símbolo máximo do Cristianismo, venerada com vigor pelos católicos na Sexta-feira Santa. A adoração à Cruz consiste em um dos ritos mais antigos da Igreja, relatado pela peregrina Egéria quando de sua viagem à Terra Santa entre os anos 381 e 384:

A liturgia da Sexta-Feira Santa era caracterizada por uma cerimônia solene e por um extenso ofício da palavra. Por volta das 8 horas da manhã até o meio-dia, os fiéis veneravam o santo lenho da cruz. Ao meio-dia começava um ofício de três horas diante da Cruz, que consistia em leituras do Antigo e do Novo Testamento que tratam da Paixão do Senhor. Esse ofício terminava com a leitura do Passo de São João que é narrado que o Senhor entregou o Seu espírito. Depois, havia o ofício de vésperas no *Martyrium*, seguido de uma procissão à Anástase, onde se lia o passo do Evangelho em que José de Arimateia

pede a Pilatos o corpo do Senhor para sepultá-lo. Seguia-se uma vigília durante toda a noite. (MARTINS, p. 38, 2017)

A adoração à Cruz, rito tão enaltecido nos primeiros séculos da Igreja, conforme relato da peregrina Egéria, está inserida na celebração da Paixão do Senhor, carregando consigo alguns gestos, dentre eles, o beijo à cruz. Mesmo não sendo uma ação obrigatória, ao menos naquilo que dispõe o Missal Romano, dirigir-se até a cruz para beijá-la constitui um dos momentos mais esperados pelos fiéis na celebração da Paixão do Senhor. Por isso, comumente, as pessoas referem-se ao rito denominando-o pelo ato: o beijo à cruz.

Conforme exposto, a celebração da Paixão do Senhor é revestida de gestos e símbolos próprios: a cor roxa, o silêncio e os textos próprios revelam a dor e a paixão de Cristo. Destarte, a procissão evoca os mesmos sentimentos de luto, dor e contrição, e as semelhanças e distinções existentes nos dois ritos são percebidas nos corpos, nos gestos e nos símbolos.

#### **4. “Também sou teu povo Senhor, e estou nesta estrada” – os símbolos, gestos e corpos na procissão do Senhor Morto**

Iniciada a procissão do Senhor Morto, as vozes despertavam-se em hinos devocionais cantados de forma arrastada e com muita piedade. O violão dava o tom para a “puxadora” tirar os cantos e, logo, os fiéis eram convidados a cantar junto.

Trazendo à memória a minha participação na procissão quando de minha adolescência, recordo-me em caminhar junto ao povo, “puxando” as músicas ao violão. Na maioria das vezes, não havia amplificação sonora, o som era totalmente acústico; por vezes ouvia-se o canto atrasado ressoando à frente da procissão, tal como um eco. O texto das músicas anunciava o sofrimento, a angústia, a dor e a morte, assim como as melodias transportavam lamúria e comoção. O canto se fazia alternado com ave-marias e pais-nosso de modo muito piedoso, assim como a caminhada cadenciada em ritmo andante.

Uma das canções mais cantada, “O povo de Deus no deserto andava”, autoria de Nelly de Silva Barros, executada com piedade pelo povo, correspondia àquilo que os fiéis vivenciavam na procissão.

1. O povo de Deus no deserto andava,  
mas à sua frente alguém caminhava.  
O povo de Deus era rico de nada,  
só tinha esperança e o pó da estrada.

*Também sou teu povo, Senhor,  
estou nesta estrada,  
somente tua graça  
me basta e mais nada.*

2. O povo de Deus também vacilava,  
às vezes custava a crer no amor.  
O povo de Deus, chorando rezava,  
pedia perdão, e recomeçava. (...)

As imagens presentes na canção convidam os fiéis a “entrarem” no rito: deserto e pó da estrada compreendem símbolos que remetem à penitência. Cristo passou quarenta dias no deserto antes de sua morte na cruz, por isso, a concepção de deserto também presente na música, associa-se a momentos de angústia e dor.

Há de se destacar, quanto aos elementos sonoros, o ritmo: “a organização das artes “de movimento”, ou seja, música-poesia-dança, submete-se às leis da rítmica: dos sons, das palavras, dos gestos (ALBUQUERQUE *et al.*, 2005, p. 45). Em *O povo de Deus no deserto andava*, o ritmo “toada” conduz os caminhantes junto à procissão em um passo andante. A toada é um ritmo recorrente nas canções sertanejas e muito presente no interior de São Paulo e na região Centro-Oeste capaz de evocar a caminhada do povo simples, em sua maioria, originários da zona rural. Frequentemente cantando “arrastado”, os fiéis entoam a melodia de fácil memorização, em até duas vezes diferentes.

Evidenciada na música e transportada nos corpos e gestos, a performance vicejante na procissão do Senhor morto consiste em uma demonstração da participação ativa dos fiéis. Ao trazer em mãos suas velas, cantando, rezando e caminhando, os participantes vivenciam o rito ativamente. Os gestos e corpos para Bonnacorso (2015) são imprescindíveis para que se possa compreender o ritual em suas linguagens não verbais: formas de comunicação mais antigas que a linguagem verbal, às quais o mito se estende. Nesse sentido, convém citar um dos gestos mais significativos na procissão, evidenciado no ato dos fiéis ao depositarem os ramos cheirosos sobre o corpo de Cristo.

Os rituais são feitos de movimentos, espaços, imagens, gestos, perfumes, contatos, ou seja, de formas de expressão mais aderentes à vida, enquanto os mitos carecem de palavra e estão submetidos à

tendência da língua de combinar as elaborações conceituais abstratas, que são mais recentes, tanto no nível da evolução humana quanto no nível do desenvolvimento individual (CARVALHO; MARTINS FILHO; 2020, p. 15-16).

Assim, o Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia, ressalta:

Uma grande variedade e riqueza de expressões corporais, gestuais e simbólicas caracterizam a piedade popular. Pense-se, como exemplo, no costume de beijar e tocar com a mão as imagens, os lugares, as relíquias e os objetos sagrados; organizar romarias e fazer procissões; percorrer trechos de caminho ou percursos “especiais” de joelhos ou descalço; apresentar ofertas, velas e dons votivos; vestir roupas especiais; ajoelhar-se e prostrar-se; carregar medalhas e insígnias... (DIRETÓRIO DE PIEDADE POPULAR E LITURGIA, p. 24, 2003).

Presentes na procissão, as imagens sagradas também se destacam nos altares como manifestações de fé: “uma expressão de grande importância no âmbito da piedade popular é o uso de imagens sagradas que, segundo os cânones da cultura e a multiplicidade das artes, ajudam os fiéis a se colocarem diante dos mistérios da fé cristã (Ibid., p. 25)”. Dessa forma, ao observar um costume recorrente na procissão do Senhor morto quanto às estações realizadas nas casas, é notória a presença de altares à porta das residências. Os altares representam uma prática comum em muitos lugares do Brasil e possui um status de permanência e vicissitude da demonstração pública de crenças.



Foto 4 - Foto Paulo Garcia

Os símbolos presentes no ritual sejam eles materiais (imagens, ramos, altares) ou imateriais (gestos, sons), conferem sentidos e significados para quem os evoca. Turner (1974), ao refletir sobre os símbolos utilizados no contexto ritual *ndembo* esclarece: “quase todo objeto usado, todo gesto realizado, todo canto ou prece, toda

unidade e espaço e de tempo representa, por convicção, coisa diferente de si mesmo. É mais do que parece ser, e, frequentemente, muito mais” (TURNER, 1974, p. 29).

Ainda sobre os símbolos, o conceito apresentado por Durkheim, abarca uma ideia não mais apoiada nas condições transcendentais do conhecimento possível, mas, nas formas sociais. O autor descreve o conceito "representação" e nos faz compreender, a partir do estudo do totemismo, que as imagens do ser totêmico são mais sagradas, pois representam e permitem formular a ideia da força social que os move.

Da mesma forma, é possível, de forma análoga, pensar sobre as manifestações da piedade popular no catolicismo, muito vivenciadas pelo povo em função dos símbolos e gestos presentes. A imagem do Senhor morto, o canto piedoso, as preces, os altares, os ramos cheirosos, todos esses elementos são portadores de significados. Ao retornarem para suas casas com os ramos em mãos, os fiéis levam consigo uma parte de tudo o que foi vivenciado nos gestos, experiências sensoriais, tais como o cheiro e o toque.

Assim como no rito oficial, em que o beijo na cruz é um dos momentos mais esperados pelos fiéis, da mesma forma, ao tocar na imagem do Senhor morto e colocar sobre ela os ramos cheirosos, os fiéis expõem a sua fé em gestos e ações. Da mesma forma, ao entoarem os cantos durante a procissão e exporem os altares em frente às suas casas, há nisso, uma demonstração da fé nas vozes que ecoam e nos objetos sagrados.

## **6. Referências**

ALBUQUERQUE, A. C. et al. *Música brasileira na liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BONNACORSO, Giorgio. *Rito*. Padova: Messaggero di Sant Antonio Editrice, 2015.

CARVALHO; Daniel. MARTINS FILHO, José Reinaldo. A força do rito: entrevista a Giorgio Bonaccorso. *Revista de Liturgia*, São Paulo, 281, p. 15-19, setembro/outubro, 2020.

DIRETÓRIO SOBRE PIEDADE POPULAR E LITURGIA: *Princípios e Orientações. Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MARTINS, Maria Cristina da Silva, *Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos lugares santos do século IV*. Uberlândia: EDUFU, 2017.

MISSAL ROMANO. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Trad. Portuguesa da 2 ed. Típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acrésc. Aprov. pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 2011.

TURNER, Victor Witter. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.